

## A Gestão do Cuidado para a *Vida Nueva*

Ana Maria Borges de Sousa<sup>1</sup> Marta Corrêa de Moraes<sup>2</sup> Viviani Ayroso May<sup>3</sup>



***Gentileza gera gentileza***

José Datrino, o profeta Gentileza

Vivemos uma atualidade carente de gestos concretos de gentilezas, um dos fundamentos essenciais para o cuidado e para a construção de uma *vida nueva*. Gentileza-Cuidado implica em disposições pessoais, afetivas, para antecipar-se ao bem-estar do *outro* em com-vivência. O fato de assistirmos o *outro* em suas necessidades, mesmo as mais elementares, não significar agir com gentileza e cuidado, e a história está repleta de ilustrações denominadas práticas de caridade. Não é essa a nossa perspectiva, contudo, não nos parece possível cuidar deste *outro* sem proporcionar-lhe as condições indispensáveis para sua transformação em relação e para o seu ato-reconhecimento de ser-sujeito. A gentileza não faz parte da luxúria, assim como o cuidado. Ambos estão situados, para nós, num campo de ações inclusivas que não exigem condicionalidades deterministas para ganharem expressão nas experiências relacionais.

Este Simpósio tem por objetivo dialogar com os presentes sobre a gestão do cuidado com sujeitos inseridos em contextos de violências, a partir de uma experiência

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UFRGS. Professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e Coordenadora do Núcleo Vida e Cuidado – Estudos e Pesquisas Sobre Violências.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela UFSC. Professora Substituta do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e Pesquisadora do Núcleo Vida e Cuidado – Estudos e Pesquisas Sobre Violências.

<sup>3</sup> Mestranda em Educação pela UDESC. Pesquisadora do Núcleo Vida e Cuidado – Estudos e Pesquisas Sobre Violências.

de extensão universitária realizada, de maneira interdisciplinar, em parceria com a Associação Vida Nueva, que acolhe população em situação de rua. Com essa população, a Associação trabalha para restaurar os laços afetivos com os familiares e para integrá-los à convivência social, mas com dignidade. COM-VIVER, estudar e profissionalizar-se são algumas das acolhidas para auxiliar na (re)construção das auto-estimas e auto-imagens (des)configuradas pelos percursos das suas histórias de vida.

São vidas silenciadas e esquecidas pelos processos históricos, culturais, sociais e econômicos que criam bolsões de miséria e exclusão. O consumo de álcool e drogas, o subemprego, o trabalho informal, os movimentos migratórios do campo para cidade, de uma cidade para outra e no interior de uma mesma cidade, em busca de trabalhos que não exijam qualificação escolar e profissional, são algumas das realidades que contribuem para os sucessivos rompimentos dos laços familiares e comunitários. Como afirma Silvia Schor (2007):

apesar da reconhecida diversidade, as pessoas em situação de rua partilham inúmeras características. São todos muito pobres e com uma trajetória de vida cheia de fracassos pessoais e desamparo institucional. Sem casa e sem lar, reinventam diariamente as soluções para sua subsistência: alimentos, abrigo, dinheiro, bebida, remédios e segurança.

O Ministério do desenvolvimento Social (MDS), em parceria com a Unesco, publicou uma pesquisa inédita, cujos resultados apontam que Florianópolis e Joinville estão entre as cidades do país como maior número de pessoas em situação de rua, em relação à população total. Florianópolis aparece na 7ª posição e Joinville na 20ª. O levantamento avaliou 71 cidades brasileiras e municípios com população superior a 300 mil habitantes, em outubro de 2007. O estudo demonstra, ainda, que muitos moradores de rua trabalham como catadores de materiais recicláveis e como flanelinhas, ganhando entre R\$ 20,00 e R\$ 80,00 por semana. De acordo com a pesquisa, a maioria das pessoas que vivem na rua são homens, com idade média de 40 anos.

Homens *invisíveis* para muitos de nós e para os censos demográficos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), incapazes de *contabilizar* aqueles e aquelas que buscam a sobrevivência pelas ruas das cidades, fazendo das calçadas e dos becos os *lares possíveis*. Nesse movimento sinuoso, homens e mulheres transformam o saco plástico em chapéu, o pedaço de jornal em cobertor e o papelão em colchão-

parede. Vivem na pele do corpo e da alma as mais diversas formas de violências. E ainda assim, eles e elas vão tecendo a própria existência, mesmo à margem dos direitos inquestionáveis ao emprego, a habitação, a educação, a saúde e a dignidade humana, a vida em sua mais ampla acepção.

Nossa equipe, nessa relação, assume diferente perspectiva, de olhar o *outro* a partir dele mesmo, à medida que compreende o **Cuidado** com os sujeitos que sofrem violências como fundamento ético-estético de novas relações; como uma prática que contribui para promover a cura existencial, no sentido proposto por Heidegger (2005). O cuidado se traduz como prévia-ocupação, como disposição afetiva de antecipar-se, com zelo e gentileza, à presença do *outro*. O cuidado, para nós, não toma o futuro como referência para atuar, não espera que a sociedade deixe de ser capitalista e excludente para pensar processos de superação. Ao contrário, se instala num movimento de estar *junto-com*, para criar experiências vivenciais de bem-estar mesmo em territórios de desigualdades e carências. Uma modalidade de cuidado que é entendida também como *estado mental* de ocupar-se existencialmente, como responsabilidade solidária. Ou seja, tem sentido ontológico de unidade, como constituição da vida, da cura, para ser.

Nesse sentido, não se trata de pensar e falar *sobre* o cuidado como objeto independente de nós. Mas, de pensar e falar *a partir* do cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos. Não *temos* cuidado. *Somos* cuidado [...]. Sem cuidado deixamos de ser humanos. (BOFF, 2000, p. 89)

O **Cuidado** pressupõe a *presença* e o encontro entre EU e TU, pois é nesse encontro-presente que nasce o espaço, não vazio, das possibilidades. Aí está o nexos que gera o vínculo para construir o NÓS, para enxergar o *outro* sem condicionalidades prévias, porque aí esse *outro* se desloca para a condição de nosso semelhante, sempre a partir da diferença e da alteridade. Os seres humanos se sabem no encontro-presente com outros, na possibilidade gestada pela referência do que ali pode ser criado para se colocar disponível a estar neste lugar-sentido, onde pode delinear uma outra auto-imagem, emaranhada na-pela imagem de *outros* que não são ele mesmo, mas sem os quais não se reconhece como humano e não consegue pensar muito além do que é *dado* (Lara, 2003).

Há em nós uma matéria cultural ainda por ser lapidada ou desconstruída para nos deslocar de nós mesmos, para arrastar o que é *dado* e que se tornou parte de nós com

uma feição de segurança, que nos afirma como convictos de que estamos em um lugar do bem, *dos progressistas, dos verdadeiramente humanos* (2003: 11). Para nos arrancar do estabelecido que nos situa e, muitas vezes, nos paralisa, apavorados frente a tudo que o *outro* altera em nós e nos obriga a ver. Um *outro* homem-mulher de rua, deficiente, violento/a, ainda que violentado/a, um *outro* com cheiros e tonalidades que *enauseiam* as referências assépticas em mim, em nós. São aqueles e aquelas *que nunca são o que deveriam ser, pois sempre estão sendo para os outros aquilo que alguém jamais desejaria ser, e bem se sabe que alguém é na medida do desejo dos outros...* (Lara, 2003: 12).

Dessas compreensões nasceram as oficinas e os encontros-presentes com os moradores da Vida Nueva, ocasiões em que buscávamos experimentar a dimensão do cuidado nas relações regadas pela qualificação e pelo respeito a sacralidade da Vida. No mesmo contexto víamos insurgirem e re-surgirem histórias que agrupavam individualidades transversalizadas por um coletivo que as constitui e por detrás de cada oficina havia a pergunta: *quem são essas pessoas que procuram por sobrevivência aos olhos de todos, percorrendo as veias da cidade, construindo espaços reais num mundo ilusório?* (Eichemberg, 1999: 37).

Nas rodas de conversa, mediatizadas pelas atividades construídas em grupo, as histórias de vida iam sendo (re)apresentadas e (re)vividas. Entre os olhares cabisbaixos de uns, as recusas envergonhadas de outros e o medo de verem-se desnudos diante da apreciação alheia foram se configurando, pouco a pouco, solidariedades implicadas que sentiam a dor das ausências e das discontinuidades. Isso porque, alguns moradores precisavam ausentar-se dos encontros para tratamento médico, pois a saúde debilitada pelos anos e os *atropelamentos* da rua, fragilizavam os corpos, muitas vezes franzinos. Fugir da casa na calada da noite também se configurava como escolha possível para aqueles cuja imensidão da rua não cabia no espaço *apertado* de uma *casa-sítio* habitada *com* outros. Para Eichemberg,

as noções de espaço do morador de rua podem atingir um grau enorme de experimentação, no qual o público e o privado se mesclam aos nossos olhos [...] Espaços autônomos, mutáveis de acordo com as necessidades do cotidiano, interações entre sobrevivência, moradia e corpo [...] (1999: 62).

Na trama dos encontros coletivos, a participação dos moradores se dava através de convites que procuravam evitar as presenças impostas pelo *dever-ser* que aprisiona e retira dos sujeitos a possibilidade de fazer suas próprias escolhas. Sabíamos da importância de estarmos juntos e das prerrogativas de um grupo de convivência, no qual cada ausência é sentida e toda presença merece ser exaltada. Nosso *estar-junto* estava ancorado no compromisso e na experiência prazerosa da COM-VIVÊNCIA banhada pela amorosidade que rechaça todo tipo de dominação, capaz de fazer do *outro* um *objeto* a ser disciplinado e docilizado. Nossa intenção era forjar espaços coletivos distantes das instituições totais (manicômios, prisões e conventos) propostas por Goffman (1987) e que se caracterizam por serem estabelecimentos fechados que funcionam em regime de internação e criam uma barreira entre o mundo interior e exterior. As instituições totais, quase sempre funcionam como local de internação, trabalho, lazer e atividades específicas, que podem ser terapêuticas, correccionais e/ou educativas.

Dos encontros coletivos nasceram os pedidos para criarmos “atendimentos” individuais, para falas separadas, como necessidade de alguns dos moradores. Eles desejavam uma escuta sensível capaz de ajudá-los a (re)compor o mosaico da própria existência, confirmando projetos de vida para *além das portas do sítio. Quem sou eu? O que será de mim lá fora?* Essas eram algumas das perguntas orientadoras das inquietações sentidas. Como nos ensina Calvino (2007, p. 138), *cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis*. Re(ordenar) a experiência vivida fez nascer muitas esperanças entrelaçadas por dores, amores, idas e vindas.

Todas as intervenções propostas tinham como fundamento a **Gestão do Cuidado** como arte de construir laços interpessoais, pautados no vínculo e na confiança mútua; como um modo de *estar-em-comunhão*, onde todos os gestos são acolhidos porque formulam linguagens simbólicas, as quais podem ganhar materialidade no encontro de grupo e na vivência particular. A gestão se propõe a gerir atitudes, modos-de-ser, de ver e de conviver. Falamos aqui de um sentido institucional do acolher que gesta vidas através de uma companhia afetuosa, ao lado e junto com o *outro*.

Nessas acolhidas as **Violências** vestiam a centralidade, revelando práticas de vampirização e auto-vampirização, as formas estúpidas de estar nas ruas e estradas, a urgência de aprender a circular sem posses para escapar das armadilhas cotidianas e do

risco freqüente de mortes. Violências multifacetadas, emblemáticas por seu caráter paradoxal e pela dimensão fluida que esconde e desvela a um só tempo, e que, em geral, não se discute. Para nós, violências são consideradas como todo e qualquer contexto relacional em que o outro é tratado como objeto e submetido a experiências de dominação. Como toda prática que realiza a desorganização emocional dos sujeitos envolvidos em cenários de torturas e humilhações, de privação da sua singularidade.

Eis, portanto, a dificuldade de sua apreensão conceitual, pois estas violências escapam das explicações totalizantes. São, pois, um fenômeno multidimensional, de estilo ambíguo e paradoxal. As atividades compartilhadas nas oficinas com os sujeitos da Associação Vida Nueva, provocaram narrativas que perguntam também pelos tantos *espaços onde abundam as violências sem sangue, aquelas que não provocam contusões no corpo que possam ser detectadas pelos legistas, mas que nem por isso deixam de provocar sofrimento e morte.* (Restrepo, 2001: 11). Realçaram os estilos de relações que deixam à sombra a ternura e as possibilidades de *gentilezas geradas* para inspirar um mundo em que caibam outros mundos, também *gentis*.

Tudo que realizamos nos encontros semanais com os sujeitos da *Vida Nueva* teve como premissa pedagógica e terapêutica, a promoção da autonomia individual e do grupo para expressão de suas histórias de vida, para criação de novas possibilidades existenciais, para o fortalecimento dos laços afetivos e da identidade, para criação estética de significação vivencial, para forjar indicação de projetos de vida com vista à inserção social dos participantes.

As atividades podem ser assim elencadas: Oficinas de arte, para conhecimento de outras linguagens e expressão da sensibilidade estética; Oficinas de expressão verbal, em grupo, para fortalecimento da identidade e das relações interpessoais, com a problematização de situações cotidianas e a construção de alternativas para os conflitos, dados presentes nas falas; Oficinas de expressão corporal, mediadas por exercícios lúdicos, situações de encontro e convivência com a diversidade, utilizando como metodologia vivencial a Biodanza<sup>®</sup>; criações textuais a partir da literatura, enfocando a poesia, o canto, a crônica e outros enredos para significar as dinâmicas do grupo; criações textuais com imagens, a partir de colagens, pinturas e mosaicos com materiais diversificados; dramatizações focadas em situações da vida cotidiana, focadas em cenas apresentadas, discutidas e reconstruídas pelo grupo; invenção de cenários alternativos, para situar projetos de vida e fomentar a confiança em perspectivas de futuro; Oficinas de diálogos intergrupais, para mediação de conflitos característicos da convivência

comunitária, incentivando o posicionamento diante de circunstâncias específicas e a identificação das diferenças; Oficinas de vivências de realidade, envolvendo os sujeitos em cenários de responsabilidade individual e co-responsabilidade nas ações de grupo; registros de experiências interpessoais, para resgatar valores da vida comunitária e consolidar a instauração de compromissos mútuos, pautados na ética e no cuidado.

Estas atividades, aos poucos mostravam um crescimento importante do grupo, com o redimensionamento dos conflitos interpessoais e a mudança de condutas na convivência. Por seu caráter pedagógico-terapêutico, proporcionaram aos sujeitos diferentes experiências de integração social, encorajamento para compartilhar aspectos de suas histórias de vida e o reconhecimento da importância de habitar, temporariamente, a vida comunitária na Associação Vida Nueva, um dado fundamental de novas significações existenciais. A arte, como mediadora do enfoque pedagógico-terapêutico foi decisiva na construção e no fortalecimento do vínculo entre os participantes das Oficinas, à medida que constituiu um canal de expressão das emoções e sentimentos. Sabemos que é antiga a prática de utilização da arte como um meio para possibilitar às pessoas a materialização de seu universo psíquico e a configuração das imagens internas, elaboradas no entrelaçamento com as vivências de mundo.

Nesse sentido, as linguagens artísticas oportunizaram aos sujeitos criar e recriar a cultura de um tempo e os endereçamentos espaciais que lhes permitiam compreender a sua história como uma experiência imbricada na história de toda humanidade. São linguagens que permitem a expressão da singularidade e da diversidade, tecidas num movimento indissociável de como estar-juntos. Do mesmo modo, incentivaram a autonomia criadora e a emancipação de certas condutas opressivas que emperram a ousadia de transformar, transformando-se. Abriram brechas para que as pessoas possam criar seu *ser profundo* e o fazer nascer no berço da própria realidade. Desenhar, pintar, modelar, criar mandalas, construir imagens e cenários, entre outras configurações criativas era, para nós, uma aposta na faculdade que apresentam para tocar mais fundo o universo inconsciente.

As Oficinas de expressão verbal, por exemplo, favoreceram o exercício da autoridade intelectual e a demarcação de posicionamentos de idéias individuais frente ao grupo. Nesse movimento, progressivamente os sujeitos mostraram condições diversas de autoria, ao permitirem que as imagens internalizadas ocupassem o centro da roda e se traduzissem em conteúdo de diálogos consensuais e divergentes. A comunicação alcançou a formulação de sínteses de consciência e pertencimento,

gerando intervenções de uns nas falas de outros. Como nos ensina Paulo Freire (2006: 107), *é condição natural do homem o “estar no mundo”. Pode estar imerso, adaptado a ele, sem ter consciência da sociedade em que vive, ou então, pode estar no mundo de forma ativa, crítica, consciente de seu papel na sociedade, sabendo-se participante e transformador do momento histórico em que vive.*

As Oficinas de expressão corporal potencializaram a superação de aspectos relativos às dissociações mais visíveis do movimento, facilitando o acesso ao ritmo interno, conectando com a alegria da experiência lúdica e formulando uma linguagem simbólica de encontros espontâneos. A partir da descoberta de novas possibilidades criativas, os integrantes do grupo encontraram nas danças, nos cantos e nos jogos de movimentos cooperativos, espaços de expressão de suas emoções e de aprendizagens que podem ser vivenciadas na vida de cada dia, especialmente no enfrentamento da vida fora da Associação Vida Nueva. Isso faz lembrar uma fala presente no enredo do filme que retratou a história da mexicana Frida Kahlo: *a força do que não se exprime é implosiva, devastadora, auto-destruidora; expressar é começar a se libertar.*

Os diálogos inter-grupais permitiram aos participantes o confronto pacífico com os diferentes modos de conceber a realidade, promovendo o exercício do respeito mútuo, da escuta cuidadosa daquilo que o outro apresenta e focalizando a diversidade que constitui a convivência comunitária. Ali vivenciaram a troca de saberes e compartilharam sonhos e dissabores, fizeram intervenções carregadas de significados sobre a fala do outro, marcaram lugares e opiniões, situaram desejos individuais pertinentes à ação pedagógico-terapêutica.

Dadas as histórias de vida dos integrantes do grupo guardarem tantas assimetrias, cada encontro produziu resultados diferentes, mas coerentes com a disponibilidade interna destes. Nossa ênfase na qualidade afetiva das relações e nas condutas de cuidado mútuo gestaram um movimento inicial de “cura”, sem perder de vista que a ação pedagógico-terapêutica se consolida no movimento de paciência e na continuidade do trabalho com o grupo. Ainda estamos longe de considerar superados os dramas existenciais vividos por cada uma destas pessoas, mas, o conjunto de vivências indica os passos iniciais de uma, talvez, longa caminhada. E, novamente, Paulo Freire (2006: 39) nos traz esperança ao destacar que a melhor maneira que a gente tem *de fazer possível amanhã alguma coisa que não é possível de ser feita hoje, é fazer hoje, aquilo que hoje pode ser feito. Mas se eu não puder fazer hoje o que hoje pode ser feito, e tentar fazer hoje, o que hoje não pode ser feito, dificilmente eu faço amanhã o que hoje também não pude fazer.*

Nessa experiência de tantas aprendizagens, a gratidão da equipe às pessoas que compõem esta comunidade, pela oportunidade de compartilhar saberes e melhorar nosso processo de humanização. O projeto teve o apoio financeiro da Eletrosul, o que viabilizou nosso deslocamento de Florianópolis para Enseada do Brito, onde está situada a Associação Vida Nueva; também, a aquisição de material didático e de outros recursos indispensáveis ao nosso trabalho de extensão universitária. A Associação é coordenada pelos Freis Luiz e Rogério, que depositaram em nós a confiança e a disponibilidade de escuta.

### Referências Bibliográficas

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 8 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas.** 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DADOUN, Roger. **A violência: ensaio acerca do ‘homo violens’.** Tradução Pilar F. de Carvalho e Carmem de C. Ferreira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. (Coleção Enfoques. Filosofia).

FREIRE, Paulo. **Conceitos de educação em Paulo Freire.** In: VASCONCELOS, M<sup>a</sup> Lucia M. C. e BRITO, Regina H. Pires de. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HURBON, Laënnec. **El bárbaro imaginario.** Traducción Jorge Padín Videla. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

LARA, Nuria Pérez. *Pensar muito além do que é dado, pensar a mesmidade a partir do outro que está em mim.* In: SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LEVINAS, E. **Totalidad e Infinit:** ensayo sobre la exterioridad. Espanha: Salamanca, 1977.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências.** Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

RESTREPO, Luis Carlos,. **O direito à ternura.** Peirópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Educação, trabalho e currículo na era do pós-trabalho e da pós-política*. In: FERRETI, Celso João; JÚNIOR, João dos Reis Silva; OLIVEIRA,

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença:** e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<http://www.rizoma.net/interna.php?id=176&secao=anarquitectura>

<http://www.fipe.org.br/web/index.asp>

<http://www.stylofm.com.br/noticias-da-stylo/florianopolis-e-joinville-entre-as-cidades-do-pais-com-mais-moradores-de-rua>